

The background features a dark blue gradient with faint, light blue geometric patterns. These include several concentric circles of varying sizes, some with dashed lines, and a large circular scale with degree markings ranging from 140 to 260. Arrows indicate a clockwise direction of movement or rotation.

REPRESSÃO (RECALQUE) (VERDRÄNGUNG/UNTERDRÜCKUNG)

© ROBERTO GIROLA

WWW.ROBERTOGIROLA.COM.BR

RGIROLA@UOL.COM.BR

BIBLIOGRAFIA

- FREUD , S. (1915). *Repressão*. In: _____. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 147-164.
- FREUD , S. (1915). *O inconsciente*. In: _____. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996, cf. (No. IV).
- GIROILA, R. *A psicanálise cura?. Aparecida: Ideias e Letras*, 2004 (cf. pp. 81-100)
- HANNS, L. *Dicionário comentado do alemão de Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LAPLANCHE, J., PONTALIS, J-B. *Recalque / Repressão*. In: *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins e Fontes, 2001, pp. 430 e 457
- ROUDINESCO. E., PLON, M. *Recalque / Repressão*. In: *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pp. 647-649 e 659

RECALQUE E REPRESSÃO

- Dois termos são usados de forma indiferenciada por F para nomear o mecanismo psíquico da repressão: Verdrängung e Unterdrückung (cf. HANNS)), no entanto alguns autores (escola francesa), preferem distinguir recalque e repressão.
- Pontalis-Laplanche definem o **recalque** como “operação pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão” (p. 430).
- Os mesmos autores definem a **repressão** como a “operação psíquica que tende a fazer desaparecer da consciência um conteúdo desagradável ou inoportuno: ideia, afeto, etc.” (p. 457).
- Para Plon-Roudinesco o **recalque** “designa o processo que visa a manter no inconsciente ‘todas as ideias e representações ligadas às pulsões’ e cuja realização, produtora de prazer, afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico do indivíduo, transformando-se em fonte de desprazer. F,(...) considera que o recalque é constitutivo do núcleo original do inconsciente” (p. 647).
- Para os mesmos autores “a **repressão** é uma operação psíquica que tende a suprimir conscientemente uma idéia ou um afeto cujo conteúdo é desagradável “ (p. 659). Do ponto de vista tópico, há uma diferença pois o recalque seria o que F descreve nesse artigo e diz respeito aos processos inconscientes, já a repressão diz respeito aos processos conscientes de suprimir determinados conteúdos considerados inadequados.

IMPORTÂNCIA DO TEMA

- Na *Historia do movimento psicanalítico*, (1914), F afirma que :” a teoria da repressão é pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise” (p 148).
- Inicialmente F usa os termos **defesa** e **repressão** quase como equivalentes, mas na análise do caso do Homem dos Ratos, o termo repressão adquire um sentido mais amplo nos seus diferentes desdobramentos nos mecanismos de deslocamento (neurose obsessiva) e conversão (histeria).
- No entanto F tende a usar o termo mais para a histeria e prefere usar defesa “como ‘uma designação geral para todas as técnicas empregadas pelo ego em conflitos que possam levar a uma neurose’” (p 148) (Cf. *Inibições, sintomas e ansiedade* e *Análise terminável e interminável*, [V]). Como F analisa neste último texto, as defesas se organizam a partir de três fatores básicos: força do trauma, fator econômico e alterações do Ego (cf. GIROLA, p 85ss).
- Um último fator importante, considerando a frequência com a qual a ansiedade (angústia) se apresenta na clínica contemporânea (diagnosticada como depressão, pânico, TDAH, etc.), é a relação entre ansiedade/angústia e repressão. Inicialmente F atribui a angústia à repressão e mais tarde muda sua perspectiva atribuindo a repressão à angústia (cf. GIROLA, p. 51ss)
- Vale a pena frisar como o fator “alterações do Ego”, visto por F como um fator hereditário, e constitucional, na clínica dos borderline é percebido como uma organização psíquica devida ao que Balint denomina “Falha Básica” e Winnicott como falha nos processos primários de “constituição” do EU (Self).

REPRESSÃO PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA

- A repressão surge “quando tiver ocorrido uma cisão (...) entre a realidade mental consciente e inconsciente!”: “a essência da repressão consiste simplesmente em afastar determinada coisa do consciente , mantendo-a à distância” (p. 152) .
1. F postula a existência de “uma **repressão primeva**, uma primeira fase de *repressão*, que consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico (ideacional) do instinto” (representação=vorstellung).
 - F distingue entre o instinto (triebe) e seu representante ideacional (vorstellung). Neste caso o instinto permanece ligado (fixado) a uma representação, cujo acesso à consciência é negado por ser considerado desprazeroso (cf .relação com o impensável bioniano [elementos beta] ou à noção de **forclusão** lacaniana).
 2. A **repressão propriamente** dita diz respeito aos “derivados mentais” associados ao representante reprimido. “Por causa desta associação, essas ideias sofrem o mesmo destino daquilo que foi primevamente reprimido” (p. 153) -> repressão posterior.
 3. Ver também NEGAÇÃO e o **retorno do recalado** -> sonhos, atos falhos e esquecimentos.

EFEITOS E CARACTERÍSTICAS DA REPRESSÃO

- A repressão interfere na relação do representante instintual com a consciência, embora não retire da consciência todos os derivados daquilo que foi primeiramente reprimido.
- A função da análise é trazer para a consciência tais **derivados** do reprimido, através das associações (Cf. p. 154).
- Neste sentido F alerta para que o analista se abstenha de qualquer intervenção nesse processo de “escavação” (crítica ou intervenção ativa), até que o paciente encontre “um pensamento” que ele reconhece como sendo o impensável reprimido (cf. tendência da repressão a atuar novamente sobre tal pensamento, que tende a ser esquecido, ou gerar “confusão” no paciente).
- Quanto às características da repressão, F alerta para duas: ela é individual e móvel
 1. A intensidade com a qual a repressão atua é individual: isto diferencia a forma como a repressão ocorre em cada um, levando a processos mais ou menos intensos de idealização e de fetichização (entra aqui a força da organização narcísica do sujeito e sua capacidade de transformar o reprimido em ideais do Ego para mantê-lo afastado da sensação de insuficiência narcísica -> cf força da organização superegoica de cada sujeito).
 2. A repressão é extremamente móvel -> “o reprimido exerce uma pressão constante em direção ao consciente” tendo como contrapartida uma contrapressão (cf. processo depressivo) -> enorme dispêndio de energia psíquica

REPRESENTAÇÕES E AFETOS

- A repressão visa dois elementos: a representação do conteúdo instintual e seu representante afetivo: “teremos de acompanhar separadamente aquilo que acontece à **ideia** como resultado da repressão e aquilo que acontece à energia instintual vinculada a ela [**afeto**]” (p. 157).
- A ideia (representação) tende a desaparecer do Cs ou a ser dele afastada. Já o fator quantitativo do representante instintual possui três possíveis destinos:
 1. Pode ser inteiramente suprimido;
 2. Pode aparecer como um afeto, que é qualitativamente colorido
 3. Pode ser transformado em ansiedade / angústia (aqui F ainda não concebeu a segunda formulação da teoria sobre angústia elaborada a partir de 1917 e formulada definitivamente em 1926 -> cf. GIOLA, p. 51-59). Para F, “a vicissitude da quota de afeto pertencente ao representante é muito mais importante do que a vicissitude da ideia, sendo esse fato decisivo para nossa avaliação do processo da repressão” (p.158)

MECANISMOS DO PROCESSO DE REPRESSÃO

- Ao se interrogar sobre o mecanismo da repressão F conclui (cf. P. 159):
 1. Ele não coincide com o mecanismo de formação de substitutos (ex. sintomas);
 2. Existem numerosos e diferentes mecanismos de formação de substitutos;
 3. Os mecanismos de repressão têm em comum a “retirada da catexia de energia”.
- A seguir analisa os mecanismos em ação nas psiconeuroses mais conhecidas:
 1. Neurose de ansiedade (fobias, pânico) -> deslocamento
 2. Neurose de conversão (histeria) > conversão
 3. Neurose obsessiva -> ambiguidade -> deslocamento

REPRESSÃO E NEUROSE DE ANSIEDADE (FOBIAS)

- Neste tipo de neurose o substituto da parcela ideacional (representação) se dá por um processo de **deslocamento**. F recorre ao caso ***Homem dos lobos*** para **ilustrar o mecanismo de deslocamento do medo do pai para o medo do lobo**.
- **Frequentemente os chamados “ataques de pânico”** têm a ver com esse tipo de substituição, que desloca medo, sentimentos de opressão ou de aprisionamento .
- F constata que, neste caso, a busca de um substituto **falha** na remoção do afeto de angústia, pois o afeto é apenas deslocado de uma representação para outra
- Ex: -> 2 casos: pânico diferenciado [ônibus, aviões, túneis, engarrafamentos, etc.] e medo de elevador. Em ambos os casos há uma grande dificuldade para acessar na análise o material recalcado, protegido por idealizações religiosas (ideal do Eu) e no outro por um processo mais primitivo de ligação com a mãe . O material é acessado racionalmente, mas não afetivamente...
- Repressão destinada a “impedir a liberação da ansiedade” -> Nesta fase F ainda está na primeira formulação sobre angústia , a partir de 1917 elabora uma nova teoria, consolidada em 1926 (cf. GIROLA, p. 51-59).

REPRESSÃO E HISTERIA DE CONVERSÃO

- No caso da histeria de conversão F observa que o mecanismo de substituição consegue remover a “quota de afeto” -> “a bela indiferença das histéricas” (Charcot). No entanto em outros casos a remoção do afeto não é bem sucedida.
- “O conteúdo ideacional do representante instintual é totalmente retirado da consciência; como um substituto — e ao mesmo tempo como um sintoma — temos uma inervação surper forte (em casos típicos, uma inervação somática), às vezes de natureza sensorial, às vezes, motora, quer como uma excitação, quer como uma inibição.” (p. 160).
- “Num exame mais detido, a área superinervada revela-se como sendo parte do próprio representante instintual reprimido, parte que — como se isso se verificasse através de um processo de *condensação*, atrai toda a catexia para si própria” (p. 160).
- “Na medida em que a repressão na histeria [de conversão] só se torna possível pela extensa formação de substitutos, ela pode ser julgada inteiramente destituída de êxito; contudo, ao lidar com a quota de afeto — a verdadeira tarefa da repressão —, ela geralmente significa um êxito total.” “Na histeria de conversão, o processo de repressão é completado pela formação do sintoma, e não precisa, como na histeria de ansiedade, continuar até uma segunda fase — ou antes, rigorosamente falando, continuar interminavelmente.” (p. 161).

REPRESSÃO E NEUROSE OBSESSIVA

Na neurose obsessiva o reprimido remete a sentimentos ambivalentes de amor e ódio (fixação na fase sádico-anal).

- “De início, a repressão é inteiramente cercada de êxito; o conteúdo ideacional é rejeitado, fazendo com que o afeto desapareça. Como formação substitutiva, surge no ego uma alteração sob a forma de maior consciência, quase não se podendo dar a isso o nome de sintoma. Aqui, substituto e sintoma não coincidem” (p. 161).
- O mecanismo usado é uma **formação reativa**: “nesse caso, a formação de um substituto tem o mesmo mecanismo que a repressão e, no fundo, coincide com ela” (ibid). -> Cf. ambivalência do instinto sádico.
- Num segundo momento a repressão se revela falha. A ambivalência que causou a formação reativa, agora possibilita a volta do reprimido. “A emoção desaparecida retorna (...), como ansiedade social, ansiedade moral e autocensura ilimitadas; a ideia rejeitada é substituída por um *substituto por deslocamento*, frequentemente um deslocamento para algo muito pequeno ou indiferente” (ibid).
- “O fracasso na repressão do fator quantitativo afetivo põe em jogo o mesmo mecanismo de fuga, por meio de evitação e proibições, tal como vimos em funcionamento na formação de fobias históricas. A rejeição da *ideia* oriunda do consciente é, contudo, obstinadamente mantida, porque provoca a abstenção oriunda da ação, um aprisionamento motor do impulso. Assim, na neurose obsessiva, o trabalho da repressão se prolonga numa luta estéril e interminável.” -> cf. depressão.

TOPOGRAFIA E DINÂMICA DA REPRESSÃO

- O cap. IV sobre “O inconsciente” (vol. XIV) complementa alguns aspectos importantes do processo da repressão, visando compreender esse processo em termos metapsicológicos (ou seja, em seu aspecto dinâmico, tópico e econômico).
- F se pergunta como é possível a retirada da “catexia” Ics, no sistema Pcs e Cs: “Necessitamos (...) de outro processo que, no primeiro caso, mantenha a repressão [isto é, o caso da repressão posterior] e, no segundo [isto é, o da repressão primeva], assegure o seu estabelecimento e continuidade.” (p. 183).
- “Esse outro processo só pode ser encontrado mediante a suposição de uma **anticatexia**, por meio da qual o sistema PCs. se protege da pressão que sofre por parte da ideia inconsciente” (p. 184).
- Para demonstrar o funcionamento desse processo de anticatexia F volta a examinar os 3 tipos de neurose antes examinados.

ANTICATEXIA E PSICONEUROSES I

- Na **HISTERIA DE ANSIEDADE** o medo se instala sem que o sujeito saiba a causa verdadeira deste medo:
- Fase I: O ponto de partida é um impulso amoroso que é bloqueado no Pcs por entrar em conflito com uma ideia aflitiva e “a catexia libidinal inconsciente da ideia rejeitada é descarregada sob forma de ansiedade” (p. 187).
- Fase II: A catexia Pcs reprimida “se apegua a uma nova ideia substitutiva” por associação (substituto por deslocamento), permitindo ao mesmo tempo evitar a repressão e, por outro lado, manter a catexia.
 - Este processo “permite que o desenvolvimento, até então desinibido, da ansiedade seja racionalizado” (p. 187).
 - A ideia substitutiva é uma anticatexia que protege o sistema Cs do surgimento da ideia reprimida.
- Fase III: Visa inibir o desenvolvimento da ansiedade proveniente do substituto, gerando novas excitações e novas fugas fóbicas que se manifestam nas evitações, renúncias e proibições que caracterizam a ansiedade fóbica (cf. p. 188)
- OBS: “O ego comporta-se como se o perigo de um desenvolvimento da ansiedade o ameaçasse, não a partir “de um impulso instintual (mundo interno), mas de uma percepção vinda do mundo externo, “ tornando-se assim capaz de reagir contra esse perigo externo através das tentativas de fuga representadas por evitações fóbicas”. Embora a repressão seja bem-sucedida no represamento da ansiedade, isto comporta “um pesado sacrifício da liberdade pessoal. Via de regra, porém, as tentativas de fuga às exigências do instinto são inúteis, e, apesar de tudo, o resultado da fuga fóbica permanece insatisfatório” (p. 189)

ANTICATEXIA E PSICONEUROSES II

- Na HISTERIA DE CONVERSÃO, “a catexia instintual da idéia reprimida converte-se na inervação do sintoma” (p. 189)
- “Na histeria de conversão o papel desempenhado pela anticatexia proveniente do sistemas Cs. (*Pcs.*) é nítido e se torna manifesto na formação do sintoma. É a anticatexia que **decide** em que porção do representante instintual pode concentrar-se toda a catexia do último” (p. 189)
- Dupla finalidade:
 1. Expressar a finalidade impregnada de desejo do impulso instintual;
 2. Expressar os esforços defensivos ou punitivos do sistema Cs.
- Neste caso, a anticatexia na repressão não precisa ser tão grande quanto aquela exercida pela ideia substitutiva na histeria de ansiedade.

ANTICATEXIA E PSICONEUROSES III

- Na NEUROSE OBSESSIVA “a anticatexia proveniente do sistema Cs. se coloca da forma mais conspícua no **primeiro plano** [FORMAÇÃO REATIVA].”
- “É isso que, organizado como uma formação de reação, provoca a primeira repressão, constituindo depois [**segundo plano**] o ponto no qual a ideia reprimida irrompe. Podemos aventurar a suposição de que é devido à predominância da anticatexia e à ausência de descarga que o trabalho de repressão parece **muito menos bem-sucedido** na histeria de ansiedade e na neurose obsessiva do que na histeria de conversão ! (P. 190).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Ao introduzir o conceito de “anticatexia”, F demonstra que esse novo processo tem sua origem no PCs e Cs e é possível porque “os processos de pensamento , isto é os atos de catexia que se acham relativamente distantes da Percepção (Pc), são em si mesmos destituídos de qualidade e inconscientes , e só atingem sua capacidade de se tornarem conscientes através de ligação com os resíduos de percepções de palavras.
- Com isso F introduz uma importante separação entre as percepções sensoriais do objeto e aquelas que se traduzem em *palavras* (seguir ele tece importantes considerações a partir desta tese sobre a esquizofrenia cf. p. 206ss). Lacan desenvolverá esta temática introduzindo a importância do Discurso para a formação da psique.
- A anticatexia se afasta do objeto em si e cria novas representações substitutas do objeto, mas sua eficácia é diretamente proporcional à capacidade de manter a catexia instintual do objeto.
- Isto porém supõe que a anticatexia é seja mais ineficaz quando o conflito psíquico provém da ambiguidade do objeto e de sua dificuldade de ser representado pela psique.
- A falta de “confiabilidade” do objeto primário (cf. Winnicott) interfere no aumento do sentimento de ambiguidades dos objetos.